



A UMBANDA NO BRASIL

Márcio Falcão

Quem tiver olhos para ver e ouvidos para ouvir, já terá notado a presença, entre nós, cada dia mais alarmante, de terreiros, tendas, cabanas, centros, núcleos, fraternidades, todos qualificados geralmente com adjetivo “umbandista” ou “espírita” ou os dois juntos. São milhares em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, por toda parte, no Brasil inteiro.

Como organização, o movimento decidiu-se pela denominação “Espiritismo de Umbanda”, ou simplesmente, “Umbanda”. Apresenta-se como um sincretismo exótico de práticas fetichistas e ritos católicos, deuses africanos, doutrinas espíritas e ensinamentos cristãos.

Se a Umbanda fosse um movimento puramente cultural ou étnico com a exclusiva finalidade de conservar ou mesmo reintroduzir tradições, usos e costumes africanos, ameríndios ou outros quaisquer de caráter folclórico, permanecendo nos limites da moral natural ou cristã, não precisaria escrever sobre a ela. Não somos contra nenhuma cultura sã, de qualquer nação que ela seja ou qualquer raça que ela pertença.

Na realidade, porém a Umbanda se apresenta precipuamente como movimento religioso, e faz questão de ser religião. Os elementos culturais que oferece são impregnados de idéias nitidamente religiosa. Daí a necessidade de esclarecer os cristãos a respeito desse movimento.

QUEM SÃO OS ORIXÁS

De acordo com o Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros de Olga Gudolle Cacciatore, os orixás são divindades intermediárias entre *Olorum* (o deus supremo) e os homens.¹ Na

África eram cerca de 600. Para o Brasil vieram talvez uns 50, que foram reduzidos a dezesseis no Candomblé (alguns tendo vários nomes ou “qualidades”), dos quais só oito passaram para a Umbanda. Muitos deles são antigos reis, rainhas ou heróis divinizados, os quais representam as vibrações das forças elementares da Natureza – raios, trovões, tempestades, água; atividades econômicas, como caça e agricultura; e ainda os grandes ceifadores de vidas, as doenças epidêmicas, como a varíola, etc.

ORIGEM MITOLÓGICA DOS ORIXÁS

Quanto à origem dos orixás, uma das lendas mais populares diz que *Obatalá* (o céu) uniu-se a *Odudua* (a terra), e desta união nasceram *Aganju* (a rocha) e *Yemanjá* (as águas). Yemanjá casou-se com seu irmão Aganju, de quem teve um filho, chamado *Orungã*. Orungã apaixonou-se loucamente pela mãe, procurando sempre uma oportunidade para possuí-la, até que um dia, aproveitando-se da ausência do pai, violentou-a. Yemanjá pôs-se a fugir, perseguida pôr Orungã. Na fuga Yemanjá caiu de costas, e ao pedir socorro a Obatalá, seu corpo começou a dilatar-se grandemente, até que de seus seis começaram a jorrar dois rios que formaram um lago, e quando o seu ventre se rompeu, saíram a maioria dos orixás. Pôr isto Yemanjá é chamada “a mãe dos orixás”.

OS ORIXÁS E O SINCRETISMO

O sincretismo religioso é também um aspecto significativo dos cultos afros. Os escravos não abriram mão de seus cultos e suas divindades. Devido a um doutrinamento imposto pelo catolicismo romano, os africanos começaram a buscar na igreja, santos correspondentes aos seus orixás. Muito dos orixás nos cultos afros encontrará no Catolicismo Romano um santo “correspondente”, veja:

Exu - diabo

Ogum - São Jorge

Iansã - Santa Bárbara

Yemanjá - Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

Oxossi - São Sebastião

Oxalá - Jesus Cristo - Senhor do Bonfim

Omulú - São Lázaro

Ossain - São Benedito

Oxumaré - São Bartolomeu

Xangô - São Jerônimo

Cada um desses deuses (ou orixás) tem seu fetiche, suas insígnias, sua comida predileta (que eles chamam de *amalá*), suas vestes especiais, seus dias preferidos e seus gritos característicos.

UMBANDA E QUIMBANDA

Querem alguns distinguir entre Umbanda e Quimbanda dizendo que ambos praticam a magia, sim, mas com a diferença de que em Umbanda ela é feita para o “bem” (e seria a Magia Branca) e em Quimbanda os trabalhos seriam exclusivamente maus (Magia Negra).

A Umbanda cultua três tipos diferentes de espíritos do além: os *orixás*, os *exus* e os *êguns*. Na Umbanda popular são nove: *Oxalá* (o grande orixá), *Yemanjá*, *Xangô*, *Nana*, *Iansã*, *Oxum*, *Ogum*, *Oxossi* e *Ibêji*. Na Umbanda esotérica, sete: *Oxalá*, *Yemanjá*, *Yori*, *Xangô*, *Ogum*, *Oxossi*, e *Yorimá*; os *exus* são espíritos sem luz; ruins e perversos, denominados por eles de “elementais”; os *êguns*, que seriam os espíritos dos antepassados: *Caboclos* (espíritos indígenas) e *Pretos Velhos* (antigos escravos), além das crianças.

Convém não esquecer que a magia como tal, branca ou negra, pouco importa, para bem ou para o mal, foi proibida, rigorosamente, e repetida vezes por Deus. Em Levíticos 20.6 diz o Senhor: “Quando alguém se virar para os necromantes e feiticeiros, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra ele e o eliminarei do meio do seu povo”. Outra vez recebemos de Deus a ordem terminante e clara: “Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos; não os procureis para serdes contaminados por eles. Eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Levíticos 19.31). E no Êxodo 22.18, o divino legislador é decisivo: “A feiticeira não deixarás viver”.

Clara, insistente, determinada e severa é a palavra de Deus em Deuteronômio 18.10-14: “Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador,

nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR, teu Deus, os lança de diante de ti. Perfeito serás para com o SENHOR, teu Deus. Porque estas nações que hás de possuir ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o SENHOR, teu Deus, não permitiu tal coisa”.

Também no Novo Testamento encontramos idênticas proibições. Temos exemplo de um certo Simão “que ali praticava a magia, iludindo o povo”: “ao qual todos atendiam, desde o mais pequeno até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus. E atendiam-no a ele, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas” (Atos 8.9-11). Mais adiante, ainda nos Atos dos apóstolos, encontramos o apóstolo diante de um certo Elimas que era mago e feiticeiro; mas Paulo encara-o firmemente e disse-lhe; “Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor?” (Atos 13.10). Em Éfeso, além das muitas conversões, Paulo obteve ainda o seguinte resultado: “Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinqüenta mil denários” (Atos 19.19).

CONCLUSÃO

Cristianismo e Umbanda são dois pólos opostos. Um exclui o outro. Quem é umbandista não pode professar-se cristão. Quem é cristão não pode ser umbandista. Todo aquele, portanto que aderir às práticas e doutrinas de Umbanda, sai da Igreja, exclui-se a si mesmo da comunidade dos fiéis de Cristo, deixa de ser cristão e renuncia ao direito à vida eterna.

É inconcebível que alguém ame verdadeiramente a Deus e ao mesmo tempo pratique a necromancia e a magia tão severa e freqüentemente proibida por Deus. Em sua doutrina sobre Deus, a Umbanda é panteísta, e como tal contesta e deve contestar uma série de verdades cristãs: nega o augusto mistério da Trindade; nega a existência de um Deus pessoal e distinto do mundo; nega a doutrina cristã a respeito da origem e da criação do universo; nega a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo.

Em sua doutrina sobre o homem a Umbanda endossa o princípio Kardecista da reencarnação, contestando mais outra seqüência de verdades claramente ensinadas por

Cristo: nega a graça salvadora; nega o juízo particular e decisivo depois da morte; nega a ressurreição final de todos os homens; nega a existência do inferno etc.

¹ CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense, 1977, p. 206.